

André Gustavo

A dívida externa e a sucessão segundo a visão de estrangeiros

Além de seus complicadores naturais, de natureza político-partidária, o processo de sucessão presidencial ficará cada vez mais condicionado ao humor dos banqueiros internacionais, que não pretendem negociar nada definitivo com o Brasil, enquanto não surgir a decisão sobre quem vai suceder ao presidente João Figueiredo. Os representantes de governo e empresas internacionais não fazem segredo desta postura cautelosa que passaram a adotar diante de um Brasil que, endividado até a medula, vive um complexo sistema de substituição do presidente da República.

Representantes diplomáticos de grandes potências ocidentais admitem que seus respectivos países estão submetendo o Brasil a uma dieta financeira mais severa que as condições internas de seus países exigem. Eles receiam uma complicada transição de poder e entendem que não há mais o que negociar com o governo Figueiredo, que, segundo eles, se desgastou, não controlou a sucessão e, hoje, não tem condições de bancar uma solução conciliatória ou de consenso dentro do PDS. Assim, o processo sucessório, de acordo com observadores internacionais, está vivendo de sua própria dinâmica, fato absolutamente novo no Brasil, país que não possui tradição de partidos fortes e institucionalmente poderosos.

Um diplomata de nível elevado, representante de país industrializado do ocidente lembra que nos Estados Unidos, na França ou na Alemanha Federal a transição de poder ocorre por intermédio de um leito partidário que é a própria essência do regime. Sob este aspecto, nem mesmo a posse de um socialista, como é o caso de Mitterand, na França, modifica as relações dentro da sociedade. Nos Estados Unidos é muito reduzido o poder de influência do presidente na condução do processo sucessório. Lá, jamais um presidente pretenderia "coordenar" ou supervisionar a escolha de candidatos dentro de seu partido, pois ele, mesmo sendo presidente, somente poderia cogitar de se candidatar. Depois de tomada essa decisão, o partido através de uma infundável sequência de primárias, chegaria a uma decisão.

Estes exemplos estão circulando em Brasília para demonstrar que o descontrole do processo sucessório brasileiro é um fato novo e, de certa forma, perigoso segundo a análise de observadores estrangeiros. Eles têm as suas preferências sucessórias e o vice-presidente Aureliano

Chaves tem reunido o maior número de votos nesta comunidade muito fechada. O vice-presidente ganha nesta disputa por uma razão pragmática: os representantes estrangeiros entendem que ele é o candidato que possui, neste momento, mais penetração popular e maior apoio de opinião pública. Seria, então, o político em melhores condições de se sentar na mesa de negociações para buscar um entendimento com os banqueiros internacionais, representando, de fato, o interesse nacional.

Mas enquanto não se revela claramente o candidato para a sucessão do presidente Figueiredo a comunidade financeira internacional assume uma posição de espectadora diante do desenrolar dos acontecimentos internacionais. Não estão previstos novos investimentos aqui, exceção única para os setores de investimento estrangeiro voltados para a exportação. Existem segmentos da indústria estrangeira situada no Brasil que abastecem mercados africanos, do Oriente Médio e da América do Sul. Esses mercados são disputados através de uma feroz concorrência de capitais japoneses, europeus e norte-americanos a partir de suas bases de operação no Brasil. Nestes setores há investimentos, porque nenhum deles quer perder pontos na agregação de novas tecnologias.

Somente nestas áreas haverá novos investimentos. Não existe espaço, nem vontade de realizar entendimentos mais sólidos que envolvam a futura administração — porque o presidente Figueiredo não controla a sucessão presidencial —, os investidores e os banqueiros internacionais decidiram aguardar o surgimento do novo nome, temendo fazer agora um grande esforço de acomodação com o Brasil, que poderá ser desfeito pelo novo governo. 1984 será, portanto, um ano de enormes angústias em que os bancos vão segurar as parcelas de empréstimo até o momento em que seus especialistas, em Brasília ou no Rio de Janeiro, detectarem o surgimento do nome vencedor.

Os observadores estrangeiros não têm qualquer receio de eleição direta para a presidência da República. Eles entendem que existem dois candidatos óbvios: Aureliano Chaves e Leonel Brizola. O que importa, na observação dos estrangeiros, é a definição de um processo — eles estão confusos com a possibilidade de eleição direta, apesar de o presidente não a desejar — de que resulte rapidamente a chance de estabilização do país. Investidores estrangeiros e diplomatas demonstram receio de que neste ano o Brasil não resista as muitas dificuldades que virão nos próximos meses. Trata-se de um jogo de muita paciência, esperteza e senso de oportunidade no qual a sociedade brasileira pode pressionar, como tem feito, mas dispõe de reduzida capacidade de influir diretamente.

André Gustavo Stumpf